

## A JORNADA DO HERÓI DISSIMULADO EM *SIMULACROS*, DE SÉRGIO SANT'ANNA

Janda Montenegro (UFRJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** Parte integrante da “trilogia da radicalidade” – assim chamada pelo próprio Sérgio Sant’Anna – *Simulacros* é uma obra que se reinventa ao longo da leitura, abrindo oportunidade para interpretações múltiplas, posto que os personagens atuam e simulam situações adversas durante todo o romance. Destarte, oferecemos uma proposta de entendimento do protagonista Jovem Promissor pelo viés do estudo da jornada do herói, de Joseph Campbell (2015), considerando que, na obra, tudo é fingimento, inclusive o suposto heroísmo.

**Palavras-chave:** Sérgio Sant’Anna; jornada do herói; Joseph Campbell; UFRJ; literatura brasileira contemporânea;

A obra de Sérgio Sant’Anna gera uma leitura inquieta e desafiante, em especial o romance *Simulacros*, de 1977. Fazendo uso da técnica do pastiche, mas sem a intenção de satirizar, Sant’Anna bebe na fonte do clássico *1984*, de George Orwell. Uma vez que “o texto é o processo integral, que abrange desde a reação do autor ao mundo até sua experimentação pelo leitor” (ISER, 1996, p.13), e tendo em mente a época política nacional em que o romance foi escrito, entendemos que “a luta contra a representação é mais complicada no âmbito da prosa” (BASTOS, 2009). Entretanto, tal como no texto do autor inglês, em *Simulacros* há personagens que são submetidos a um poder onisciente e onipresente, representado pela figura do dr. PhD, que, com a desculpa de realizar um experimento científico, recruta quatro indivíduos – Jovem Promissor, Vedetinha, Velho Canastrão e Prima Dona – para conviver dentro de uma casa, simulando situações e interpretando personagens diversos o tempo todo, até JP começar a questionar a opressão e o totalitarismo do dr. PhD, o que culmina em uma reviravolta na trama. O romance, porém, não é uma crítica social: escrito pelo viés da patafísica, nada nele deve ser levado a sério.

“A modalidade do discurso fílmico [...] patenteia a força do apelo visual tanto nas sociedades contemporâneas quanto no domínio estético, devido ao desenvolvimento e

---

<sup>1</sup> Escritora e mestranda em Literatura Brasileira (UFRJ).

generalização dos simulacros visuais” (PINTO, 2009.). A influência da linguagem cinematográfica e teatral se faz presente neste romance, seja na forma – o livro é dividido em 3 atos + um final; Sant’Anna não utiliza travessão para iniciar as falas, mas sim aspas; da página 101 a 107, quando há uma espécie de confessionário, as marcações são com os nomes de cada um, como de praxe nos roteiros –; seja mencionando os atores Alain Delon (SANT’ANNA, 1977, p.29) e Charles Bronson (idem, p.12); seja literalmente referenciando ambas as artes, com personagens dizendo que responderia a algo da mesma forma como se faz no cinema (ibidem, p.13), que deviam chorar tal como estava escrito no *script* (ibidem, p.91) ou até mesmo quando distraem as pessoas na rua em uma simulação, alegando que estavam gravando um filme (ibidem, p.118), e que essa palavra, para o povo, era mágica.

Assim, pensar na jornada do herói em *Simulacros*, tal como estudado por Joseph Campbell (2007), é uma proposta divertida de leitura que fazemos, uma vez que

a qualidade e a categoria de uma obra literária não resultam nem das condições históricas ou biográficas de seu nascimento, nem tão-somente de seu posicionamento no contexto sucessório do desenvolvimento de um gênero, mas sim dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão. (JAUSS, 1994, p.7)

No romance, o protagonista é Jovem Promissor, ou JP, que usa esse apelido por solicitação do dr. PhD, que pede que os indivíduos usem nomes fictícios que tenham a ver com suas personalidades. Explica JP:

A mim ele disse que eu prometia muito, inclusive como escritor. Daí o nome: Jovem Promissor. E que os escritores necessitavam, antes de tudo, de disciplina. E que era principalmente isso que ele iria ensinar-me: disciplina. (SANT’ANNA, 1977, p.96)

Por este sonho, JP entra na experiência científica: quer ser escritor. Mais ainda: quer ganhar o Prêmio Nobel de Literatura. Para atingir esse objetivo, o dr. PhD o convida a participar do projeto, incumbindo-lhe da tarefa de relatar todo o ocorrido na casa diariamente. Na terminologia de Campbell (2007), este poderia ser o “chamado da

aventura” (CAMPBELL, 2007, p.9). Para atingir a competência de escrever um livro, entretanto, JP deve realizar missões, experienciar aventuras, inclusive travestindo-se de outros personagens, porém, ao mesmo tempo em que deve interpretar outros papéis, deve igualmente registrar tudo por escrito, pois é esta a sua função no grupo.

As missões de JP podem ser interpretadas como “o caminho de provas” (CAMPBELL, 2007, p.9), ou seja, toda a trajetória que o protagonista deve percorrer para cumprir seu objetivo. As provações, entretanto, são causadas pelo próprio dr. PhD: é ele quem administra o dinamismo dos personagens na casa, elabora as tarefas e observa tudo de perto, de modo que os quatro devem cumprir suas missões à risca. As provas sempre envolvem interpretar outros papéis, e todas incluem JP: o romance começa com ele vestido de padre sendo obrigado a atravessar a rodoviária de mãos dadas com Vedetinha, que usa roupas colantes – a cena atrai os olhares de todos na rua; em outro momento, JP é obrigado a seguir Velho Canastrão pelas ruas e relatar exatamente tudo o que ele fez, tal qual um detetive – como prêmio pelo relato apurado, dr. PhD permite que JP e Vedetinha se casem [neste ponto, se cumpre “a mulher como tentação”, de Campbell (2007)]; com o tédio do casamento, o doutor faz com que todos simulem o conto da Chapeuzinho Vermelho, com cada um vestido de acordo com um personagem e andando pela praça escura à noite, somente para que JP possa ser o Caçador a salvar a Chapeuzinho Vedetinha.

Com o protagonismo centrado em Jovem Promissor, Sant’Anna faz com que seu romance seja acompanhado pelo leitor através da perspectiva do rapaz, como se “in considering a literary work, one must take into account not only the actual text but also, and in equal measure, the actions involved in responding to that text” (ISER, 1978, p.274). Lukács (2015) salienta que “o romance é uma epopeia sem deuses”, porém, na cena das confissões o dr. PhD se finge de Deus para que todos relatem seus desejos mais obscuros, e ocorre a “sintonia com o pai” (CAMPBELL, 2007, p.128), “o dragão que se considera Deus” (idem). Incapaz de falar, JP pensa que

era isso, precisamente, que eu transmitia agora a Deus em minha prece silenciosa. Que todas essas minhas ambições de luxúria, poder e glória fossem preenchidas, materializadas num único objetivo: o Prêmio Nobel de Literatura. (SANT’ANNA, 1977, pp.159-160)

Este é seu objetivo máximo, “porém, no silêncio de Deus eu via também algo terrível. Que a satisfação deste desejo implicaria numa queda no abismo do vácuo” (idem).

De modo que quando há a insurreição na casa, o leitor, “capaz de entrega, transformação e ultrapassagem” (ISER, 2013.), aceita que a revolta foi encabeçada por JP e que ele agora é uma espécie de líder no ambiente. Indignados com o fato do dr. PhD ter induzido Velho Canastrão ao suicídio (que no final das contas, foi apenas uma simulação), JP convence as mulheres da casa que eles devem matar dr. PhD, de modo a acabar com a tirania da casa. É o que fazem, e o protagonista enfia uma faca no coração do opressor.

A partir desse momento, a trama muda. Com sangue nas mãos, reflete JP: “eu tinha a serenidade dos que cumprem e se cumprem numa ação” (SANT’ANNA, 1977, p.182). O personagem sente que aquele ato o transforma. “(...) é um padrão da condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância”, diz Campbell (2007, pp.144-145). Com tons de suspense policial, Jovem Promissor agora é o único homem da casa para proteger a esposa grávida e Prima Dona. Porém, Velho Canastrão reaparece, a farsa é desfeita e todos se tornam cúmplice de assassinato. Com a nova configuração, Jovem Promissor sugere que todos mudem de nomes, e passa a atender por Escritor – que é o que ele quer ser na vida.

Tendo conquistado o conceito de “liberdade para viver” (CAMPBELL, 2007, p.9), aos poucos a rotina se instaura na casa e Escritor toma a iniciativa de procurar emprego, afinal, agora recaía nele, futuro pai, o sustento daquela família tortuosa. Satisfeito com sua nova posição de herói daquelas pessoas falidas e fracassadas, Escritor agora apenas se dedica ao trabalho e aguarda o nascimento do filho, “que significava o fim de um pesadelo, o início de uma nova vida, a renovação do próprio universo” (SANT’ANNA, 1977, p.197), porém, ainda sem conseguir concluir o livro com os relatos da casa. Ele precisa de um final, “porque nada acontecia e (o) romance começou a empacar exatamente por causa disso: a falta de acontecimentos. Então eu rasgava, desesperado, folhas e folhas de novos rascunhos” (idem, p.212). Sem a presença do dr. PhD para provocar as missões, Escritor encontra-se desestimulado. A solução ocorre já no quarto ato, com o nascimento do filho, Felipe, literalmente no fim do livro – de Escritor e de Sant’Anna. O menino é loiro, de olhos azuis, e sorri para o pai.

Escritor sabe que “para almejar o Prêmio, salvar-me da perseguição daquele sorriso, era absolutamente indispensável que eu terminasse a minha tarefa, a tarefa Dele, a nossa tarefa” (ibidem, p.223). Então ele volta para a casa para enfim cumprir sua missão em definitivo:

E ali, naquela escrivadinha, naquela máquina portátil, mãos que não pareciam as minhas começaram a bater nas teclas as últimas linhas daquele livro, as últimas frases da minha vida naquela casa. Estas últimas frases que culminam com a descrição do sorriso de uma criança recém-nascida: um sorriso ao mesmo tempo puro e cínico, inteligente, ingênuo, debochado. Um sorriso que era principalmente herdeiro dele (...). O sorriso do dr. PhD. (SANT’ANNA, 1977, p.224)

Partindo do princípio de que “a literary text must therefore be conceived in such a way that it will engage the reader’s imagination in the task of working things out for himself, for reading is only a pleasure when it is active and creative” (ISER, 1978, p.275), o tom policialesco que a trama toma estimula o leitor a concluir o trágico final, a derrocada do herói com relação ao filho, porém, apesar desse último percalço, ainda assim ele consegue concluir sua missão. Observamos, ainda, que o final da história encerra, ao mesmo tempo, tanto o livro que o personagem está escrevendo quanto do próprio autor, Sérgio Sant’Anna. Perguntamo-nos, entretanto, se

quem narra uma história é quem a experimenta, ou quem a vê? Ou seja: é aquele que narra ações a partir da experiência que tem delas, ou é aquele que narra ações a partir de um conhecimento que passou a ter delas por tê-las observado em outro? (SANTIAGO, 1989, p.38)

O jogo que Sant’Anna estabelece com o leitor é justamente o de deslocar a real autoria do texto, transpondo-se para as páginas, misturando-se com seus personagens, tendo em consideração que “a concepção do leitor implícito não é a abstração de um leitor real, mas condiciona sim uma tensão que se cumpre no leitor real quando ele assume o papel” (ISER, 1996, p.76). Assim, entendemos que “a visão ingênua de atribuir ao escritor o poder de guiar a leitura é submetida pela concepção do texto literário-ficcional como determinado por uma estrutura dotada de vazios a serem suplementados – não complementados!” (BASTOS, 2013, pp.7-8). Em *Simulacros* esses vazios são o tempo todo preenchidos de dúvidas que podem ser ou não satisfeitas através da leitura.

Em considerarmos a trajetória e as influências do autor e o tom brincalhão do romance que estudamos, a leitura que propomos de uma jornada do herói no personagem Jovem Promissor é uma visão divertida, porém não definitiva do texto. Talvez Sant'Anna não tivesse intensão de transformar seu personagem num herói garboso e virtuoso, como nos exemplos clássicos na memória popular, e há alguma possibilidade do autor não tivesse conhecimento da estrutura da jornada do herói de Campbell, que foi publicada pela primeira vez em Princeton em 1949. Entretanto, vivemos em um mundo em que “há pouca coisa (...) que se possa considerar sólida e digna de confiança” (BAUMAN, 1998, p.36).

Pensamos em Sant'Anna como um escritor bastante influenciado pelo cinema – vide as referências que ele faz questão de colocar em seus textos –, de modo que a construção de um personagem que atravessa uma jornada para somente no fim obter seu grande prêmio, tal como os atores e filmes que o autor cita em sua obra, pode ser o tipo de estrutura na qual ele se debruçaria para configurar este icônico Jovem Promissor, um herói dissimulado nas linhas de *Simulacros*.

## Referências

BASTOS, Dau. Viva a vanguarda: literatura brasileira contemporânea à luz da ruptura. In: *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*. V. 1. N<sup>o</sup>. 1. Rio de Janeiro: Editora Torre, UFRJ, 2009. Disponível em: <http://www.forumdeliteratura.com.br/edicoes-completas/194-edicao-1> Acesso em: 31 jul 2017.

\_\_\_\_\_,. Wolfgang Iser e a ficcionalidade como disposição humana. In: *O fictício e o imaginário*. Tradução de Johannes Kretschmer. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 11ª reimpressão da 1ª ed. de 1989. São Paulo: Pensamento, 2007.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*. Tradução de Johannes Kretschmer. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_, *O fictício e o imaginário*. Tradução de Johannes Kretschmer. 2ª ed. Rio de Janeiro: edUERJ, 2013.

\_\_\_\_\_, *The implied reader*. 2ª ed. London: The Johns Hopkins University Press, 1978.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LUKÁCS, George. *A teoria do romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2015.

ORWELL, George. *1984*. Tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo, Companhia das Letras: 2009.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. Literatura e mídia: pontos e contrapontos. In: *Cadernos do CNLF, Volume XIII, nº. 4* Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2009. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/13.htm> Acesso em: 31 jul 2017.

SANT'ANNA, Sérgio. *Simulacros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SANTIAGO, Silvano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.